

“Ser um preto tipo A custa caro”: poesia, interculturalidade e etnia

Emerson da Cruz Inácio

*tenho então a certeza de que o meu texto, ao
contrário da fala, nada concede, circula para
romper o que está preso.*

Maria Gabriela Llansol, Um falcão no punho

O verso-título deste artigo, extraído do rap “Capítulo 4, Versículo 3”, do grupo musical paulistano Racionais MC’s, lança uma dúvida sobre o seu receptor: estaria o sujeito enunciador afirmando a sua distinção como indivíduo negro ou o faz para dar ênfase ao poder aquisitivo que, na maioria das vezes, anula nos indivíduos as fronteiras criadas pela cor da pele? Ou ainda, “ser um preto tipo A” é uma demanda ou consequência da ordem da identidade e de sua construção?

Seja qual for a mais oportuna das leituras possíveis, o que se pretende neste artigo é observar como, no discurso poético do rap, se engendram as relações entre poeta, poema, etnia. Ou melhor: destacar como o rap dos Racionais, enquanto manifestação local da periferia, pode constituir-se como uma forma de expressar a consciência de si como negro. Considera-se, aqui, que o rap – fenômeno cultural, estético e expressão poética – também é um veículo ideológico a serviço de uma concepção específica de mundo, revelando-se como uma intensa teia de sentidos. E tentando, como diz Maria Gabriela Llansol na epígrafe, romper o que está preso, seja na periferia, seja à margem do cânone literário e musical brasileiro, o rap pode, assim, funcionar como um legítimo representante das tensões sociais, políticas e culturais que têm sido tematizadas na Literatura produzida no Brasil nos últimos anos.

Para sua compreensão, porém, antes serão mobilizados mecanismos tanto capazes de favorecer a análise aqui procedida, quanto o de circunstanciar o rap como discurso estético, social e identitário, localizando-o na sua tensão com o campo do efetivamente literário.

Tratar da formação identitária na Literatura é tratar do discurso identitário, transcendendo as fórmulas tradicionais da abordagem estilística e semântica. A recorrência a modelos interdisciplinares de investigação fica justificada: seja pelo discurso que se elege para análise, seja a partir do ponto de vista que se elege para analisar.

Os estudos literários foram, com isso, reconfigurados de tal maneira que passam a ser inseridos e percebidos nas suas múltiplas relações interdisciplinares e transdisciplinares. A relação entre Literatura e a Cultura, intrinsecamente ligadas e no cerne dessa questão, foi mergulhada nesse processo de tal forma que hoje a Literatura só pode ser compreendida levando em conta as diversas inter-relações que continuamente estabelece com outros objetos culturais e sociais e outras linguagens. Assim, constitui-se, hoje, uma tarefa profundamente árdua pensar uma série ou sistema literário *per si*.

No contexto da globalização dos bens culturais, movida pela indústria cultural de massa, o conceito de cultura local/nacional se encontra atualmente em suspenso. Essa suspensão se dá pelo fato de que as fronteiras culturais que delimitavam as trocas simbólicas nacionais estão em franca desarticulação. Dessa maneira, rever políticas culturais oficiais torna-se uma urgência, não só pela defesa da memória e da identidade nacionais, mas para se perceber o valor que a simbólica do nacional assume diante do processo das trocas culturais. Nessa esteira, rever o cânone literário, sua constituição e o manejo que estes dispensam a certos fenômenos da cultura local, também se torna necessário, principalmente em tempos que o estatuto da Literatura, do Literário e dos sistemas de representação que os suportam também denotam sua crise.

O rap e o rapper, a poesia e o poeta

No *Livro X* da República, Platão propõe a expulsão do poeta da Cidade, já que este – criador de mitos, seguidor de Homero – não contribuía em nada para a formação do estado, nem para o seu louvor e nem para a formação do cidadão. Mas pelo contrário, a poesia traria à cidade e aos seus cidadãos o alimento das paixões, do prazer e dos sonhos, prejudiciais à construção da lei e da razão.

Tal questão possibilita-nos pensar, hoje, a respeito do estatuto do poeta enquanto efetivo elemento de reflexão da vida, da sociedade e das questões engendradas atualmente em termos de necessidades políticas e sociais e, na

esteira desse pensamento, na condição do poeta frente ao mundo em que se insere. Intenta-se refletir sobre o seu papel de objeto cultural efetivo, ao lado de outras manifestações literárias e culturais residentes na margem do cânone ou que ocupam um lugar fronteiriço, tanto em termos de inserção na mídia de massa e literária, quanto no que tange a sua recepção, aceitação e consagração em termos de crítica especializada.

Assim, o exercício reside no fato de que a poesia ocupa hoje, como no tempo de Platão, o exterior dos processos discursivos institucionalizados, como também – por pior que seja corromper ou estabelecer o mito – sequer é vista como manifestação capaz de proporcionar algum tipo de (in)formação ao indivíduo. Daí que podemos inferir que, na atualidade, a poesia e outras manifestações literárias ou dela derivadas, como o rap, não se encaixariam dentro de um projeto cultural ou mesmo de cidadania imaginados pelas políticas e modelos culturais hegemônicos ou de Governos em geral.

Neste sentido, a modernidade fez do discurso poético não mais campo gerador da cultura, mas campo periférico, dependente de outras esferas da própria literatura. Não é demais pensarmos no fato de que no mercado editorial e nos sítios cibernéticos, a presença de materiais que comentam ou se destinam ao entendimento do poético, sejam sensivelmente inferiores aos destinados à prosa. Em contrapartida, as páginas de divulgação de novos poetas são infinitamente mais acessadas e de conteúdo com qualidade superior ao encontrado em sítios dedicados a outros gêneros. Fora do mercado literário tradicional, a poesia – periférica por natureza – segue seu rumo para fora da *pólis* do cânone “dito” ocidental, criado pela mídia e pela crítica literária tradicional. Cremos que tal questão é mais uma decorrência do conjunto de situações que favorecem a elitização de determinadas artes, elitização aqui aplicada no sentido de estratégia discursiva e semântica e não só referente a uma determinada formação do gosto estético. De fato não é a poesia o melhor exemplo da linearidade, da lógica ou de verdades passíveis de serem veiculadas no interior dos biscoitos da sorte da vida ou nos cartões de aniversário. Antes, porém, o que caracteriza o poético tradicional é justo a sua força imagética e semântica, resultado de um hermetismo lingüístico (que longe de ser defeito é qualidade), o qual, muitas vezes, nos leva a crer que a poesia tem, sem exageros, um caráter iniciático e destinado ao deleite de alguns, apenas.

Abandonando as questões clássicas e aprofundando o tom “romântico”, a poesia, no correr dos últimos séculos, veio ocupando um outro lugar, não menos elitizado nos seus sentidos, mas notadamente afastada daquela noção que motivava Platão a sugerir a expulsão do poeta da cidade. Ainda que saibamos que Homero não versejou contra seus líderes e sua pátria, também não fez nada que diminuísse a “grandeza épica de um povo em formação”, como nos diz Caetano Veloso no rap “Haiti”. Em outras palavras, a poesia se reestabelece na lógica cultural na medida em que ao invés de reafirmar os valores da sociedade ou do estado, surge como forma de mostrar os anseios de novos sujeitos e de novos cidadãos, frente às novas realidades que os cercam.

A poesia, então, passa a constituir-se como canto paralelo à sociedade, uma vez que na medida em que o pensamento de vanguarda permitiu a experimentação expressiva e semântica, a poesia foi tomando posição diante de todas aquelas situações que faziam do ser, do sujeito, do cidadão e da sociedade entidades cada vez mais esvaziadas de sentido, dentro da lógica espetacular da sociedade capitalista, como nos indica Guy Debord. Devemos ressaltar que profético aqui é usado não só no sentido daquilo que está em devir, como também como voz de denúncia, de questionamento e de justiça.

E, nessa condição paralela, coube à poesia capacitar-se para assumir o seu papel de comentadora das questões sócio-político-intelectuais como também o de explicitadora das carências do indivíduo. O texto poético assume dessa forma um caráter humanista e revelador da própria condição humana. Refletindo isso está toda uma gama de poetas que, desde Camões pelo menos, se estabelecem como denunciadores da relação homem-mundo. Este aspecto perpassaria o Romantismo de Castro Alves, o mal-estar de Cesário Verde, o desconforto diário de Drummond e desembocaria na produção poética que vai transformar o texto poético num grande mural em que se estampam as necessidades de todo um povo, muitas vezes mantido às margens da produção literária como leitores e como objetos textuais¹.

¹ A lista é longa, mas destaquemos aqui, por exemplo, poetas que se vincularam de alguma forma aos discursos reveladores de tensões étnico-raciais, a saber, o antilhano Cesáire, o saotomense por opção Francisco Tenreiro, o angolano Agostinho Neto, o moçambicano José Craveirinha, os poetas da Cooperifa/SP, dentre outros.

A palavra poética, desta forma e por estes poetas, será assumida no século XX, sobretudo, por indivíduos que irão valer-se dela como forma de dar legitimidade a um discurso que inicialmente nasce sem força política, mas, através do esteticismo literário, irá constituir-se como exercício das utopias políticas e sociais de sociedades e populações.

O rap brasileiro, em particular aquele produzido pelos Racionais MC's, será justamente essa manifestação capaz de dar voz aos discursos silenciados pela História, pela política (e pela polícia) já há muitos séculos. As semelhanças entre aquela poesia antes sugerida e o rap partem do fato de que são objetos culturais, manifestações do poético, não só no aspecto engajado ou de denúncia até aqui referidas, mas também pelo tipo de abordagem que lhes é dispensada tanto pela crítica cultural especializada, quanto pelos discursos literários e culturais canônicos e hegemônicos.

Constitui-se o rap como uma “poética da periferia” no sentido mais amplo que o periférico pode aqui assumir: está, como sugere Platão, fora da metrópole, fora dos muros daquilo que a literatura considera como um discurso de perpetuação de valores estéticos capazes de transcender ao tempo e à noção de arte. O rap coloca-se como canto paralelo a uma concepção de poesia em que o lirismo romântico ou o tom excessivamente subjetivista torna-se tônica, visto que somo a esses aspectos outros valores concernentes, por exemplo, às demandas sociais. Tal manifestação poética reterritorializa a própria idéia de margem, já que, estabelecido nas bordas da cultura dominante, provoca um questionamento acerca da relação centro-periferia. Afinal, quem é a margem? Aquilo que se coloca como voz dos “sem-fala” ou aquilo que tende a refletir o gosto estético de alguns? Finalmente, no caso de uma poesia cujo alcance político e estético transcende ao limite da própria nacionalidade e revela em si não só um projeto, mas toda uma “sagrada esperança”, como pensar em quem representaria a cultura da elite e a cultura da massa, o cânone e a margem? São essas as questões que perpassam o estatuto do rap, uma vez que são formas de expor uma realidade cuja tônica é justamente o isolamento, a falta e a carência.

O discurso engendrado pelo rap se constitui como relatos de uma experiência não apenas visível no campo do poético, mas manifesta na força da dicção, da atitude do rapper diante do que canta, do que celebra ou do que denuncia. A palavra, nesse caso, assume sua dupla capacidade: por um lado, revela seu poder encantatório, já que se mostra como síntese do

vivido e do experimentado; por outro lado, articula novos sonhos, novas esperanças, velhas mazelas. Ela é a munição capaz de ferir sem sangrar, mas deixando marcas e expondo feridas recobertas pelas metáforas cotidianas, como tão bem o diz os Racionais MC's: "minha palavra vale um tiro / eu tenho muita munição"².

A palavra, para Mano Brown, MV Bill, Nega Gizza, é a metáfora de uma poesia que se pretende afirmativa, no sentido em que prevê, revê e prescreve um modo de estar no mundo, que sempre indica não o ideal, mas o real que se estabelece como pano de fundo e material poético.

Cabe aqui nos referirmos, agora, um acompanhado pelo som seco das batidas eletrônicas, ritmado, sincopado e criado na boca do rapper.

Ambos vêm retratar, denunciar e narrar a vida proletária e miserável dos bairros pobres das grandes capitais, trabalhando no sentido de desconstruir a imagem de paz, tranquilidade e satisfação típicas dos dias de descanso. Pelo contrário, é um momento em que a ansiedade, a tensão, as diferenças e angústias são levadas ao extremo e potencializados na dor de cada homem envolvido nos panoramas ali apresentados.

O rap e a questão racial

No discurso do rap se destacam as abordagens de fatos cotidianos tomados numa dimensão histórico-social. A África, indiretamente, os afrodescendentes, são tomados como temas fundamentais, não só numa perspectiva celebrativa da própria vinculação étnica, mas na sua dimensão também nacionalista, que, num tom crítico e profundamente melancólico, enfatiza a problemática da exclusão social, moral e a ilogicidade do preconceito. As dívidas sociais, apresentadas em todos os poemas evocam a questão racial e a questão nacional do negro:

um pedaço do inferno aqui é onde eu estou
até o IBGE passou aqui e nunca mais voltou
numerou os barracos, fez uma pá de perguntas
logo depois esqueceram, filha da puta³

² Racionais MC's, "Capítulo 4, versículo 3".

³ Racionais MC's, "Juízo racial".

Neles, o rapper toma o cotidiano como tema principal e encena o drama da condição histórica e social do afrobrasileiro numa sociedade que se não é mais colonial, ainda revela os mecanismos da escravidão: a dominação e a sua violência, o abismo existente entre trabalhadores brancos e negros, entre crianças, mulheres brancas e negras, a marginalização do cidadão da periferia.

Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Proavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
É, brincam do jeito que dá⁴

O negro é denunciado como homem coisificado, animalizado, sem rosto e sem identidade, de maneira que as fronteiras sociais e históricas da sociedade globalizada sejam demarcadas e denunciadas. A dicotomia entre brancos e negros comparece, de forma insistente, durante todo o poema. O que o torna singular, entretanto, é o reconhecimento, por parte do poeta, de que ele é resultado desta miscegenação racial e cultural.

Rap e poesia ou os Estudos Culturais e os estudos literários: uma convergência

Se a palavra literatura pode ter vários sentidos – sempre que a empregarmos referindo-nos à faculdade de um artista de se exprimir por meio da palavra escrita, só tem um sentido: Literatura é pura e simplesmente um meio de expressão artística – como a pintura, a escultura, o cinema, a dança, a arquitetura, a música. E se cada uma das Artes tem a sua técnica e seus pontos de vista próprios, a verdade é que todas partem do mesmo instinto e do mesmo dom⁵.

⁴ Racionais MC's, “Fim de semana no Parque”.

⁵ Régio, “Literatura Viva e Literatura Livresca”, p. 1.

Longe da conceituação de *arte da palavra*, a Literatura hoje, muito mais artifício genuíno da modernidade, como nos indica Foucault⁶, é um rearranjo da linguagem em seu papel metalingüístico. A Literatura, assim como a Linguagem, se repensa atualmente no sentido de ser ainda representação de um real mimético, mas que pretende também ser uma forma de abordagem social da arte. Entre a tradição e os desafios da atualidade, coloca-se ainda como um recurso capaz de promover a desalienação da linguagem e do sujeito frente às suas novas demandas.

Ao seu lado, a Crítica Literária tem passado por questionamentos de seu papel de “discurso de e sobre” a Literatura, como também, após o advento das abordagens pós-estruturalistas, vem perdendo seu espaço de única disciplina a tomar como ponto de partida a linguagem literária. Frente aos avanços dos Estudos Culturais, por exemplo, quando se começa a ver estudiosos de renome debruçarem-se por sobre a cultura de massa ou marginal, fica a Crítica a repensar o seu papel.

Em tempos em que a Crítica Literária reclama para Literatura uma nova função no contexto cultural do ocidente e, ao mesmo tempo, questiona-se sobre se aquilo que estuda ainda é análise crítica, se é crítica cultural ou um braço de quaisquer outras áreas das Ciências Humanas, faz-se necessário pensar o estatuto mais íntimo da Literatura, principalmente no que tange à criação e seriação feita pela própria crítica no século XX. Este momento foi o de perpetuação do discurso da crítica como efetivo paradigma, em que tomou para si a direção de determinar quais os caminhos a serem (per) seguidos por aquilo que até então se convencionou chamar “literário”. Por outro lado, foi também momento de perpetuar o pensamento relativo à História Literária e de seu papel de *modus operandis* da cronologia literária.

À luz das mais variadas abordagens do material literário, é oportuno pontuar a necessidade de se repensar a “agenda” da Crítica Literária diante daquilo que alguns teóricos cuidaram chamar *pós-modernidade* e que outros, por não acreditarem ainda na superação dos ideais modernistas, da modernidade e vanguardistas, nomeiam como uma nova crise de representação e de função na sociedade contemporânea. Ainda que aqui se evite o uso da expressão em grifo, acima, cabe apontar que as novas abordagens existentes no campo da Literatura e da Crítica Literária são, pelo menos, resultados do

⁶ Foucault, “Linguagem ao infinito”; “Linguagem e Literatura”, pp. 47 ss.

conjunto de inovações introduzidas pelo Estruturalismo, na década de 1950, como também produtos de um pensamento crítico que “enxerga”, no campo literário, questões que estão para além do estatuto artístico da Literatura. E, assim, buscam configurar o papel social que esta hoje assume em uma sociedade em que os recursos midiáticos variados restabelecem o conceito do que é arte, do que é texto, do que é poesia, do que é Literatura e de, sobretudo, qual é o papel do crítico na sociedade. Nesse sentido, cumpre-se aqui a tarefa de contribuir para reavaliar o papel da Literatura e da Crítica Literária – particularmente no que tange àquilo que é produzido em termos de pensamento da e sobre os fenômenos culturais de massa –, lançando mão dos recursos teórico-metodológicos que têm sido a tônica dessas reflexões e questionamentos aqui aludidos. E que, aliás, aqui contribuirão para o acionamento de um modo de ler que perpassará outras questões e tomará o rumo da discussão literária no momento oportuno.

Pensando a Teoria Literária como sendo, antes de tudo, uma teoria sobre um objeto cultural particular – a Literatura –, os Estudos Culturais têm tomado para si questões relativas à constituição e construção dos sentidos, representação e agenciamento do sujeito e, quase como uma decorrência desses tópicos, a tensão entre Cânone e Margem. Tendo como base o Estruturalismo e o pensamento da teoria literária de caráter marxista (em que Raymond Williams e Stuart Hall são os pontos geradores), os Estudos Culturais têm podido estabelecer uma recuperação das “vozes perdidas”. No âmbito das Ciências Humanas particularmente, em que procura reconstituir a história (literária ou como disciplina independente) a partir das margens e não só privilegiando aquilo que foi estabelecido como canônico, pensam, pois, a cultura em sua expressão mais ampla e não como imposição de um sistema específico.

Partindo do princípio de que a cultura dominante – e seus discursos – devem ser interpelados, no sentido de que o sujeito e a cultura são objetos dessa questão, procuram os Estudos Culturais perceberem que papel desempenham essas duas entidades dentro da produção cultural como um todo. Atentam, assim, para a análise dos processos de formação de identidades específicas, de suas vivências e transmissão no bojo das sociedades contemporâneas.

Em relação aos estudos literários, os Estudos Culturais têm procurando aplicar as técnicas de análise literária à compreensão de outros objetos culturais, principalmente aqueles ainda não admitidos sob o “rótulo” do

que se pressupõe como literário, procurando situar, inclusive, a Literatura como um fenômeno intertextual complexo, permeado por outros discursos e saberes. Ao contrário do que é comumente defendido pela tradição da crítica literária, os Estudos Culturais tendem a perceber o objeto literário como resultado de uma prática específica, mas que necessita ter os seus modos de análise deslocados de uma “leitura cerrada”⁷ para algo que envolva, além das abordagens eminentemente literárias, outras abordagens capazes de darem outro sentido ao literário. Essas outras abordagens, notadamente transdisciplinares, propiciadas pelos Estudos Culturais favorecem, por exemplo, não o encontro da intenção do autor ao compor a obra, mas a detecção dos discursos que subjazem ao que é dito no e pelo texto: as imbricações sociais a que ele se relaciona, seus vínculos estéticos com sua época e circulação, sua interação com os outros saberes em trânsito. Dessa forma, a perspectiva sugerida tende a estabelecer um novo cânone, considerando não só aquilo que é inerente à sua formação, como também negligenciando o que é desimportante em arte, principalmente quando esta é vista e percebida a partir de seus próprios fatores. Em consequência, a obra literária passa a aliar a si a sua relevância enquanto manifestação cultural, associando-se aos pressupostos sociais que lhe são inerentes. Proporciona para si, assim, as outras leituras também disponíveis e acessíveis ao leitor/crítico, já que a própria literatura abre aos Estudos Culturais o texto e os seus efeitos de sentido, conferindo a esta abordagem os recursos próprios da flutuação da linguagem literária.

No já clássico embate entre Estudos Literários e Estudos Culturais, é pedra de toque justamente o fato de serem estes últimos naturalmente transdisciplinares, uma vez que a aproximação de tais estudos com aspectos ideológicos e sociais muitas vezes esvaziariam o sentido estético concernente à arte literária. Entretanto, deve-se considerar que, desde o advento do Estruturalismo, a transmissão e comunicação de teorias entre as diversas áreas das Ciências Humanas, particularmente, têm acarretado um constante diálogo entre essas mesmas áreas.

Talvez o que esteja em tese, nesse caso, seja uma percepção do jogo entre centro e periferia, que faz, inclusive, de maneira metafórica, com que certos saberes ora ocupem posição central na análise, ora estejam a reboque de

⁷ Cf. Culler, *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*.

outras questões. Ilustra-se essa afirmativa, por exemplo, tomando estudos como os que têm sido realizados no âmbito das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa, nos quais a percepção da constituição dos cânones e dos processos de formação das literaturas nacionais vem acompanhada muito proximamente da compreensão paralela das dinâmicas sócio-culturais e históricas, sem que, com isso, o dado literário tenha sido esvaziado ou diminuído. Nesse caso, o material literário é o centro cujas margens são as outras disciplinas capazes de lhe darem o suporte necessário a sua própria compreensão num determinado contexto.

Segundo António de Souza Ribeiro, as fronteiras que delimitam o que são os Estudos Culturais são difíceis de serem definidas e até mesmo o seu campo de abrangência tem margens muito rarefeitas quando postas em confronto com o trabalho implementado pela Crítica Literária e particularmente com a linguagem, visto que “o interesse de combinar o estudo das formas” [Literatura, discurso], “dos significados simbólicos” [inserção desses elementos no interior da lógica cultural] “com o estudo do poder” [constituição dos cânones e da História da Literatura, por exemplo] muitas vezes acarretam uma clara tensão entre poder e saber⁸.

O posicionamento de Sousa Ribeiro a esse respeito deve-se à constituição muito particular que os Estudos Culturais assumem em Portugal, visto que diferentemente de outros países, como a Inglaterra, por exemplo (em que tais estudos nascem da tensão entre a cultura letrada, a cultura de massa e as vozes silenciadas do cotidiano e da periferia), e dos Estados Unidos (em que os estudos culturais são recontextualizados de forma a darem conta dos mais variados fenômenos de cultura de massa), ali estes nasceram do posicionamento intermediário entre essas duas visões. Por um lado, a abordagem se constrói sobre as especificidades da Literatura enquanto fenômeno de massa instalado no cotidiano e, por outro, sobre a análise particular de articulações específicas dentro de um quadro mais geral, em termos de Literatura, por exemplo. Reitera, também, o fato de naquele país a atuação multiculturalista ser ainda incipiente, sobretudo em função da rigidez acadêmica e do fato de até então não haver uma disciplina específica que se dedique a esses estudos. Além disso, a predominância intelectual de elites literárias e, principalmente, o fato de a cultura de massa ser de propagação muito recente,

⁸ Ribeiro, “Cultural Studies / Kulturwissenschaften / Estudos Culturais”, pp. 255-6.

tendo ocorrido principalmente no pós-1974, proporcionam a esses estudos um estatuto ainda pouco relevante.

Muito dessa tensão entre cultura e literatura também pode ser medida pelo fato de que a questão da cultura engendra uma discussão sobre a própria formulação do conceito: amplo demais, como percebido em sua abordagem americana, ou específico demais, como no caso alemão, em que cultura designa somente a alta cultura letrada e intelectualizada. A primeira abordagem tenderia a recusar a diferença essencial entre arte e cultura e o que disso decorre em termos de uma crítica à estética e da conseqüente tentativa de eliminação da idéia de valor estético. Entretanto, a forma de mediar a abordagem do crítico com o material literário é justamente a presença da estética; e a falta dela naturaliza os discursos, desconsiderado a especificidade de uma manifestação como a Literatura. Logo, vê-se aí uma relação ambígua entre Estudos Culturais e Literários, já que, a partir do exposto, ambos, ao mesmo tempo em que se negam, mantêm entre si uma relação de reciprocidade. E em outra medida, ao desfazer as fronteiras entre as áreas científicas, os Estudos Culturais “dinamizam” o trabalho da Crítica Literária, dando-lhes outros recursos capazes de entender o texto na sua dinâmica social e cultural, assim como lhe permite priorizar na textualidade os valores e contextos sociais que a permeiam.

Cabe ressaltar que os discursos sobre a Literatura têm sido marcados pela transdisciplinaridade (própria do multiculturalismo) e pela fratura teórica provocada justamente pelo excesso de teorias surgidas na esteiras estruturalistas e pós-estruturalistas. Assim, a profusão teórica funciona como um “nó górdio” tão problemático quanto à falta teórica, mas em tempos de amplitudes teórico-epistemológicas vastas, um problema se estabelece na medida em que os objetos se diluem frente a isso, passando a teoria muitas vezes a ter um valor superior ao próprio objeto estudado.

A contemporaneidade, abalada pela profusão teórica, faz com que a crítica possa operar novas leituras transpassadas pelas mais diversas abordagens, como por exemplo, as mudanças na perspectiva histórica, proposta por Foucault no método genealógico⁹. Nesse caso, não há mais uma História, mas histórias que correm em paralelo. Em decorrência disso, disciplinas como a História da Literatura e a Literatura Comparada têm seus pontos de partida

⁹ Foucault, *Microfísica do poder*.

(o texto literário, a série literária, a multiperspectivação) reconfigurados, na medida em que a quebra da continuidade daquilo em que se baseiam opera na mudança de suas abordagens e conseqüentemente de seus métodos. Nesse sentido, os limites da Crítica Literária passam a ser estabelecidos pelo crítico, já que o estabelecimento daquilo que é ou não descontínuo depende das dicções e representações, tornadas perceptíveis pelo arranjo teórico. Assim, as mobilidades nas abordagens do *leitor-crítico* produzem também a mobilidade dos saberes e nesse jogo se localizam os discursos sobre a Literatura, espaços flutuantes, constantemente reelaborados, cambiados e em trânsito.

Jonathan Culler¹⁰ afirma que é no campo dos Estudos Literários que as teorias têm encontrado um solo mais fértil, entretanto não frutificam como o esperado. Isso se deve em muito ao fato de que muitas vezes tais teorizações não contribuem para a formulação de novos conhecimentos sólidos sobre o objeto literário, mas, pelo contrário, têm uma eficácia deslocada. A vantagem dá-se na medida em que a Teoria Literária, ao aliar-se àquilo que é proposto pelos Estudos Culturais, percebe que as questões ligadas, por exemplo, ao sujeito (e por extensão ao que é próprio do homem) encontra aí novas perspectivas sobre as quais também pode teorizar.

Michel Foucault atenta para o fato de que a tentativa totalizadora da crítica e de certos modelos teóricos tende a produzir um refreamento da própria teoria. Tudo isso resultado do excesso de criticabilidade próprio das abordagens teóricas surgidas nos anos 1960 e de sua capacidade de descontinuar os objetos, particularizá-los, localizá-los e, às vezes, renaturalizá-los. Entretanto, mesmo totalizadoras, estas teorias “globais” não fornecem instrumentos passíveis de serem utilizados numa experiência prática, até porque os discursos que produzem têm sua unidade teórica suspensa em nome mesmo desse excesso de recorte, pensado e implementado por tais teorias¹¹.

O caráter local da crítica, dado pela profusão teórica aqui aludida, o estudo do elemento particular, o recorte excessivo são processos que se constituem na passagem do Estruturalismo para os Estudos Culturais, o que, de certa forma, encerrou um benefício aos Estudos Literários, já que aqueles possibilitaram a insurreição dos saberes dominados. O retorno a certos saberes considerados descontínuos permitiu também a retomada de saberes que estavam mascarados, guardados, mas que foram trazidos à luz

¹⁰ Culler, *Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo*, pp. 14 ss.

¹¹ Foucault, “Linguagem ao Infinito”, pp. 155 ss.

pela erudição da crítica. A crítica, então, se constitui justo como local de acoplamento entre esses saberes contínuos e descontínuos, estabelecidos e desqualificados, construindo aquilo que na *História da loucura* Foucault cuidou chamar *heterotopia*.

Por outro lado, são os saberes desqualificados – como o tem sido o rap e as cooperativas de poesia, em São Paulo – por não serem pensados como “científicos” ou passíveis de um olhar científico, como aponta Foucault, manifestações capazes de re-oxigenar o campo literário, em função de sua capacidade de, em outro contexto teórico, virem a ser um modelo que prepondera esteticamente. E, ainda mais especificamente, como não-pertencentes a um panorama cultural e estético oficializado pela Academia, já que não pertencendo esses fenômenos ao que comumente é tido como “alta cultura”, ficam impossibilitados inclusive de circularem para além do seu meio de produção ou público específico. A questão é: a tentativa de subalternização desses discursos não estaria sendo, ainda, uma manifestação de preconceito com o que é proveniente das camadas mais populares da sociedade, havendo com isso a clara associação entre pobreza e falta de qualidade estética?

O que caracteriza na atualidade a leitura multicultural é, segundo críticos como Stuart Hall, a capacidade que têm tais estudos de compreenderem a dinâmica cultural como uma totalidade e não apenas como discursos localizados e reclamados por algumas correntes da sociedade. Logo, o que está em jogo é não somente a capacidade que esses diversos discursos têm de manterem-se em tensão, como também o dado intertextual que silenciosamente os aproxima e que os desierarquiza, tornado-os dialógicos em sua essência, não preconizando uma separação entre literário e cultural, por exemplo, entre alta e baixa cultura, ou entre rap e poesia.

Em seus artigos “Linguagem e Literatura” e “Linguagem ao Infinito”, Foucault teoriza a respeito das implicações da linguagem e de como esta se articula de maneira a estabelecer o que se convencionou a chamar literatura. Para o filósofo, a literatura, como fenômeno moderno que se constitui como discurso, pode ser passiva de uma análise arqueológica, já que é fruto do poder disciplinar dos séculos XVIII e XIX. É esse o período da história moderna em que a vida comum passa a ser “discursivizada” e a tomar domínios específicos dentro dos discursos vigentes. Assim, é nesse ínterim que a literatura, como os outros saberes de e sobre o homem, começa a se diferenciar dos demais textos, articulando-se como

um domínio específico da linguagem, por um lado, e como uma forma de institucionalização da linguagem, por outro.

No primeiro artigo, o filósofo alude ao fato de que a pergunta tão corrente no momento da produção de seu artigo – “O que é a literatura?” – é uma questão que está no cerne da própria literatura, uma vez que ela não nasce com tal rótulo, mas são as injunções históricas que a determinam como um arranjo particular e a sua relação com a linguagem. Para tanto, Foucault toma como pressuposto aquilo que hoje chamamos literatura grega, por exemplo, que não admitira Eurípides como uma obra pertencente a si e nem, sequer, sabia que se organizava como literatura. Logo, aponta para uma discussão bem contemporânea, no que tange à percepção da obra e do autor dentro de um contexto mais amplo que, de forma alguma, depende deles. Ou seja, quer afirmar que o texto não ‘nasce’ literário, mas torna-se em função das estratégias de leitura, abordagem da crítica e dos discursos que procuram justificar a presença da obra no interior de um sistema mais restrito. Aliás, é no século XIX que se começa a determinar que o literário deva pertencer a uma série particular, diferenciada dos outros textos e discursos correntes, ao mesmo tempo em que a literatura aparece como estratégia de legitimação de uma classe – social e artística – dentro do mundo burguês de então e que precisa se constituir como uma história que justifique o seu papel social. Antes disso, porém, nunca houve a necessidade de tal especificação, visto que ainda não havia uma consciência de que a literatura era um ato transgressor de si mesmo, mas, pelo contrário, a inconsciência de si como uma arte específica. O desaparecimento da retórica, nesse mesmo momento, contribui para que a literatura possa estabelecer que signos e campos vão determinar o que é necessariamente literário, já que agora cabe à literatura toda a responsabilidade pela expressão do “belo” da linguagem.

O posicionamento de Foucault a esse respeito parece tomar dois rumos que se complementam: por um lado, enquanto estratégia de poder, a literatura está ao lado dos discursos privilegiados socialmente, uma vez que ela não se estabeleceu como um discurso capaz de ser ponto de resistência nos jogos de força do poder, não conseguindo desmarcar-lhe as relações e, por conseguinte, não sendo algo destinado a dismantelar os dispositivos de poder. De outra forma, sugere também que o século XX institucionalizou a literatura como o lugar da transgressão, já que o sistema, ao recuperá-la para si, anulou completamente a sua capacidade de constituir-se como um outro dizer. Importante

nesse processo foi a crítica literária, ao assumir o seu papel de sistematizadora do universo literário, querendo com isso recuperar o privilégio político do autor e de si mesma, da mesma forma que com a institucionalização tem sua função reformadora e revolucionária comprometida.

Referências bibliográficas

- CULLER, Jonathan. Sobre a desconstrução: teoria e crítica do pós-estruturalismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- LLANSOL, Maria Gabriela. Um falcão no punho. Lisboa: Rolim, 1985.
- FOUCAULT, Michel. “Linguagem ao Infinito”; “Linguagem e Literatura”, em MACHADO, Roberto. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. “A linguagem ao infinito”, em Ditos e escritos III – Estética: literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. pp. 47-59.
- _____. Microfísica do poder. 7ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- RACIONAIS MC´S. Sobrevivendo no inferno. São Paulo: Zimbábue, 1997. 1 CD.
- _____. Escolha seu caminho. São Paulo: Zimbábue, 1992. 1CD.
- _____. Raio X do Brasil. São Paulo: Zimbábue, 1994. 1 CD.
- RÉGIO, José. “Literatura Viva e Literatura Livresca”. 3 v. Lisboa: Contexto, 1993.
- RIBEIRO, António de Souza. “Cultural Studies / Kulturwissenschaften / Estudos Culturais”, em COUTINHO, Eduardo (org.). Fronteiras imaginadas. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001. pp. 253-72.

Recebido em maio de 2008.

Aprovado para publicação em junho de 2008.